



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Piñentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Geryasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Eugenio de Castro;—*Smeto*, por Alfredo da Cunha;—*Nicolau Tolentino*, em presença de novos documentos, por Pinheiro Chagas;—*A respeito de S. Bartho'omeu*, por Alberto Piñentel;—*Étrennes*, por Guy de Maupassant;—*Sala de baile*, versos, por Alberto O'orio de Castro;—*As nossas gravuras*;—*O sermão do senhor abade*, conto, por Eduardo Sequeira;—*Em família (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*As almas do outro mundo*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Antonio José da Luz Fernandes*;—*Dr. José Pereira Reis*;—*Pensativa!*—*Uma familia de mouros do Senegal*;—*A rocha d'Ar-Men*.

### CHRONICA

Recordando os acontecimentos da semana, encontro estas duas novidades: a *première* dos *Dorias* em S. Carlos e a *première* do *Hamlet* no theatro normal.

Como veem, são dois assumptos de sensação, dois bellos assumptos que se amoldam perfeitamente ás exigencias da chronica, onde é absolutamente indispensavel o *tic* da novidade palpitante.

E' justamente por isso que eu me vejo embaraçado.

O nosso jornalismo, sequioso de novidades, deitou-se a estes dois assumptos como S. Thiago aos moiros, e explorou-os de modo que qualquer cousa



ANTONIO JOSÉ DA LUZ FERNANDES

que eu dissesse a este respeito tinha o grave *senão* de já ser conhecida por toda a gente.

Verdade, verdade, nunca assisti a um repinicar tão estridente dos carrilhões da imprensa portugueza. Os criticos serios e graves emmittiram solememente as suas impressões: os *reporters* publicaram os seus apontamentos ligeiros e os *blagueurs* assestaram os monoculos de vidraça para trocar das opiniões do sr. Freitas, que incorporou o vulto lendario do *Hamlet* na legião enorme dos hystericos.

Em presença d'esta berraria infernal que se formou em volta dos *Dorias* e do drama do grande tragico inglez, a *Chronica* tem de abandonar estes dois assumptos, que já começam a ter um certo cheiro a bolor.

\* \* \*

Ha mezes, a imprensa da capital noticiou um roubo de que foi victima o sr. Alberto Braga, redactor das *Novidades*. Fez-se muito barulho, pediram-se providencias immediatas, mas afinal, nem mesmo se chegou a descobrir o gatuno.

Passado algum tempo, a imprensa occupou-se d'um outro roubo feito no Restaurant Matta, na rua Nova do Carmo, e a este respeito diz o *Diario de Noticias*: «no commissariado da 2.<sup>a</sup> divisão teem sido inqueridas diversas pessoas, mas sem resultado.»

Como se vê, esta mania da gatunagem vae tomando proporções assustadoras.

Em todo o caso, (consolem-se os alfacinhas) não é só em Lisboa que pegou a *moda*.

Aqui estou eu, que, morando na rua dos Fanqueiros, acabo de ser roubado em Barcellos.

—Como pode isso ser? perguntará o leitor.

Como pode isso ser? eu lh'o explico já.

Ante-hontem um amigo meu emprestou-me o numero 7 do jornal, a *Mocidade*, hebdomadario litterario e scientifico, publicado em Barcellos.

Folheando esse jornal, encontrei um escripto do sr. Julio C. Vasques, intitulado: «Impressões da leitura do artigo, *electricidade*, do sr. Pereira Caldas.»

Aquelle titulo fez-me logo adivinhar um documento curioso. Comecei por isso a ler essas linhas e logo na primeira columna se me depararam estes periodos:

... «Vou, portanto, dizer duas palavras a respeito do artigo em questão. Mas antes de começar, devo prevenir os leitores de que não vou fazer uma critica. A minha inexperiencia não me dá authoridade, nem tão pouco inspira a confiança precisa n'um trabalho de analyse scientifica, trabalho excessivamente difficil e melindroso, incompativel não só com a minha pouca idade, mas com a incerteza e bem pouco firme orientação do meu espirito...» etc.

O leitor, naturalmente, não encontra cousa alguma digna de menção nos periodos que acabo de transcrever. O que eu lhe assevero, porém, é que n'essas palavras está o corpo de delicto de um furto.

E se o leitor não me acredita, repare bem no que vou dizer.

\* \* \*

O artigo do sr. Vasques vem publicado n'um numero da *Mocidade*, que traz a data de 16 de janeiro de 1887.

Até aqui nada haveria de notavel, se no dia 29 de novembro de 1886 eu não tivesse publicado, na *Illustração Portugueza*, as palavras seguintes:

«...Direi portanto duas palavras a este respeito. Mas antes de começar, devo observar-lhes que não vou «fazer uma critica.

«Os meus dezeseite annos inexperientes não me dão «auctoridade nem podem inspirar a confiança precisa «n'um trabalho de analyse litteraria, trabalho excessivamente melindroso, incompativel com a minha pouca «idade e com a incerta orientação do meu espirito...»

Como o leitor acaba de ver, furtaram-me dois periodos. E' uma insignificancia, bem o sei: mas eu é que não posso deixar de agradecer ao sr. Vasques a honra que me deu de *transcrever* os meus periodos, no meio dos seus artigos sobre electricidade.

O unico pedido que eu lhe faço é que não se esqueça de mencionar o meu nome quando tornar a *transcrever* a minha prosa, que se sente vaidosa e ufana com esta gentileza do sr. Vasques.

Faça isto, meu caro sr. Julio; senão...

\* \* \*

Acabo de ler, n'um pequenino volume delicioso, uma collecção de *Proverbios de Salomão*, traduzidos por João de Deus, o querido mestre.

Toda a unção religiosa e toda a simplicidade d'aquelles proverbios é conservada nos versos adoraveis do nosso maior poeta.

João de Deus conta publicar tambem, com brevidade, um volume de versos que só elle sabe fazer.

Um outro livro que vae sahir brevemente: uma collecção de poesias de Fernando Leal, intitulada: *Relampagos*.

Toda a gente conhece os *Reflexos e Penumbra*s, onde estão insertas as magnificas traducções de Victor Hugo, e basta isso para podermos agourar um grande successo ao livro de Fernando Leal.

\* \* \*

Agora que eu me dispunha a dizer mais alguma cousa, acaba de chegar o creado da typographia, que vem buscar o original.

Não ha tempo para mais: e por isso, até outra vez, leitora.

EUGENIO DE CASTRO.



No seu ultimo adeus, dizia-me ella:  
—Suppõe tu que um artifice de raça  
Te sinzelára uma preciosa taça.  
O amor servia dentro e pôde enche-la.

Tu bebeste o licor da taça bella.  
Não chores, pois, que tudo foge e passa.  
E, se a minha alma é exaurida e lassa,  
O corpo frio é como a neve—gela.

Este corpo onde outr'ora refervia  
O amor que te embriagava e escandecia  
Como um licor abrasador e ardente,

E' um frasco d'essencia evaporada,  
Fria taça que deixas esgotada,  
D'uma bebida espirituosa e quente.

ALFREDO DA CUNHA.

## Nicolau Tolentino em presença de novos documentos

### III

Antes de passarmos adiante, permitta-nos o sr. visconde de Sanches de Baena que chamemos a sua atenção para um desaccordo em que se encontra com Innocencio, cujo artigo cita, sem que pareça ter feito reparo na contradicção em que estão as informações de um com as informações de outro. Diz o sr. visconde de Sanches de Baena, fallando-nos da irmã mais velha de Nicolau Tolentino, da primogenita da familia, D. Anna Thereza Froes de Brito:

«Teve esta senhora uma educação esmeradissima e foi casada com José Thomaz de Aquino Barradas, de quem trata Innocencio Francisco da Silva no tomo V, a pag. 144 do seu Dictionario Bibliographico.

Houve D. Anna um unico filho, o beneficiado Gonçalo José Maria, e, ficando viuva do dito seu marido, foi viver para casa de seus paes, onde permaneceu até o dia 24 de novembro de 1780 »

Vamos ao Dictionario Bibliographico ver o artigo indicado, sabemos que José Thomaz de Aquino Barradas era author de uma *Historia do povo romano* que se imprimiu em 1768, que o seu author dedicou ao irmão do marquez de Pombal, Francisco Xavier, e que Innocencio elogia bastante, mas, procurando as indicações biographicas do author, encontramos o seguinte:

«José Thomaz de Aquino Barradas, de quem não pude obter até agora mais noticias, apesar das diligencias que n'isso puz. Sei apenas, pelos *Almanachs de Lisboa*, que era no anno de 1794 official da Secretaria da Real Meza da Commissão geral sobre o exame e censura dos livros, morando por esse tempo na praça das Flores».

Estas duas versões são inconciliaveis. Se D. Anna Froes de Brito, depois de enviuar, foi residir para casa de seu pae, e alli morou até 1780, passando depois para casa de seu irmão, como é que o marido d'esta viuva ainda nos apparece em 1794, rijo e são, official da secretaria da commissão de censura, morando na praça das Flores, e tendo o seu nome no *Almanach de Lisboa*? Esta contradicção não podia ter passado despercebida ao sr. visconde de Sanches de Baena, que não diz comtudo a esse respeito uma unica palavra.

Em 1761, quando José de Almeida Soares se habilitava para familiar do Santo-Officio, devia com effeito viver limpa e abundantemente. D. Anna vivia com seu marido. Não nos diz o sr. visconde de Sanches de Baena a data da morte de José Thomaz de Aquino Barradas, mas em 1761 devia estar ainda vivo e compondo em boa linguagem a sua *Historia Romana* que só em 1768 imprimio, Antonio Placido missionava na India, e seu pae saboreava a tença do seu habito de Christo, D. Joaquina vivia em casa de seus paes e já viuva aos 24 annos, mas sem ser pesada aos seus, porque seu marido Manuel da Silva Coimbra de Carvalho a deixara rica ou talvez até já casada segunda vez, pois que passou a segundas nupcias com o desembargador Antonio Carrilho da Costa, sem que o sr. visconde nos diga a data d'esse segundo casamento.

Rita e Jeronyma estavam em casa solteiras, como solteiras morreram, Francisco de Paula estudava preparatorios talvez com aquelle mesmo sujeito que tão ponderosa obra andou escrevendo a respeito da differença que existia entre o *j* e o *i* romano, Nicolau emfim segundannista em Coimbra vingava-se das troças que apanhára como caloiro nos caloiros seus successores.

Nada sabemos a respeito da frequencia de Nicolau Tolentino. O sr. Joaquim Martins de Carvalho, a pedido do sr. visconde de Sanches de Baena, procurou na universidade vestigios de passagem de Nicolau Tolentino, e encontrou apenas as notas das suas matriculas. Por ellas se vê que o poeta se assignava então da seguinte forma: Nicolau de Tolentino de Almeyda.

Sabe-se que em 1764 interrompeu o curso, mas ignora-se o motivo. N'esse anno seu irmão mais novo Francisco de Paula, que sentára praça no anno anterior, era reconhecido como cadete, e que obrigava seu pae a apresentar uma fiança de 75500 rs. annuaes.

Em 1766 voltou a interromper o curso. Fôra a doença de sua mãe que a isso o obrigára? Talvez. Sua mãe morreu em 1767, em 1769 obteve Nicolau Tolentino a regencia de uma cadeira de rhetorica em Lisboa, provavelmente por influencia do visconde de Villa-Nova da Cerveira, e tambem pelo seu merito, porque era essa uma recommendação importantissima no tempo do marquez de Pombal.

Começam aqui as inqualificaveis lamurias do poeta. Evidentemente Nicolau Tolentino abandonou o curso, e vein reger uma cadeira em Lisboa, porque seu pae não o podia sustentar em Coimbra, e carecia talvez do seu amparo; mas o lugar não era despiciendo, e garantia 4505000 réis a Nicolau Tolentino, o que junto ao que seu pae possuia, os habilitava de certo a viver n'uma mediocridade pelo menos argentea;

O lugar de professor de rhetorica não era, como parece deprehender-se das lamurias de Nicolau Tolentino, uma especie de lugar de mestre de instrucção primaria, mal pago, e fastidioso. Dir-se-hia que Nicolau Tolentino presidia, de palmatoria em punho, a um congresso de pequeninos, cujas travessuras enraiveciam o moço professor. Para que se faça idéa do que era aquelle lugar, percorramos a excellente compilação do sr. José Silvestre Ribeiro «Historia dos estabelecimentos scientificos em Portugal» no tomo 1.º.

Um dos alvarás mais importantes lavrados pelo marquez de Pombal, quando principiou a tratar, depois da expulsão dos jesuitas, da reforma dos estudos em Portugal, foi o alvará de 26 de junho de 1759, que trata da restauração dos estudos das linguas latina, grega e hebraica e de rhetorica. Esse alvará era acompanhado de instrucções, que os professores deviam seguir, tanto na adopção dos compendios como no methodo a empregar no ensino.

Na aula de rhetorica o compendio eram as *Instituições* de Quintiliano, accomodadas para uso das escolas pelo abbade Rollin. Alem d'isso os professores deviam recorrer a outros expositores como Aristoteles, Cicero, Longino, Vossio, Rollin, Fr. Luiz de Granada, etc.

Para exemplificação das doutrinas alli aprendidas deviam tomar-se as *Orações escolhidas* de Cicero e os primeiros livros de Tito Livio.

Para o estudo do estylo o livro adoptado era o de Heinecio *Fundamenta styli cultioris*.

Alem da rhetorica propriamente dita deviam os professores dar aos seus discipulos idéas de philologia e de critica. Recomendava-se-lhes que estudassem muito especialmente a eloquencia do pulpito e do fóro, e que dessem ao seu estudo um caracter pratico, obrigando os seus alumnos a fazerem as composições e discursos.

Eram estes discipulos, que não podiam entrar n'aquella aula sem saberem latim, porque os seus compendios, todos ou quasi todos os livros com que lidavam eram latinos, eram estes discipulos por ventura parecidos com aquelles meninos que o poeta regia de palmatoria em punho?

O alvará a que nos referimos creava em Lisboa quatro aulas de rhetorica. Em setembro d'esse anno estavam já funcionando tres, uma á Cotovia no hospicio de S. Francisco de Borja, regida por José Caetano de Mesquita, outra no principio da calçada de Sant'anna, entrando pelo Rocio, regida por Pedro José da Fonseca, a terceira no hospicio de Nossa Senhora das Necessidades, regida pelo padre Joaquim de Foyes.

Nenhum d'estes envergonhava o seu futuro collega, e não havia realmente razão para que Nicolau Tolentino tentasse attrahir a comiserção dos seus protectores para a triste sorte de um mestre de meninos.

Este *mestre de meninos* tinha 4505000 réis de vencimento annual: 3505000 réis de ordenado, 1005000 réis de ajuda de custo para casas. Esse ordenado correspondia hoje a muito mais de um conto de réis.

A aula de Nicolau Tolentino estava situada na rua da Rosa, ao que parece, porque foi n'essa rua que elle alugou casa, logo que foi nomeado. Comtudo parece que continuou a viver em casa de seu pae, até o anno da morte do dr. Almeida Soares occorrida em 1780.

Não nos podemos fiar muito, já o sabemos, nos subsidios auto-biographicos que Nicolau Tolentino apresenta nos seus versos, mas por um dos seus sonetos, aquelle em que descreve o sonho de opulencias que teve uma noite e de que o despertou a entrada de um rapaz que vinha para a escola, parece entender-se que Nicolau Tolentino vivia na casa em que dava aula. Isto porém effectivamente de pouco vale. Já sabemos que Nicolau Tolentino dava largas á sua phantasia.

O que nos faz suppôr que effectivamente Nicolau Tolentino não podia deixar de viver em casa de seus paes é o saber que, se assim não fosse, o velho doutor Almeida, que tivera um desgosto profundissimo com a morte de sua mulher, se veria completamente só.

Sua filha mais velha D. Anna vivia com seu marido. Ainda que não acceitemos a affirmção de Innocencio de que José Thomaz de Aquino Barradas ainda vivia em 1794, comtudo parece certissimo que em 1767 estava perfeitamente vivo, porque só em 1768 é que foi publicada a sua *Historia Romana* e não tem esse livro a minima indicação de ser posthumo.

D. Joaquim estava decerto já casado. Antonio Placido no Oriente, Francisco de Paula no exercito.

Jeronyma e Rita tinham entrado no recolhimento de Lazaro Leitão. Esse recolhimento fôra fundado vinte annos, antes em 1747, pelo principal da Sé Patriarchal de Lisboa, Lazaro Leitão Aranha, e fôra fundado para viuas pobres e honradas, podendo receber como pensionistas algumas educandas. Não podiam entrar como educandas duas raparigas de 24 e 25 annos. D. Rita veiu a ser regente e D. Jeronyma veiu a succeder-lhe, mas parece-nos que não podiam nunca entrar como recolhidas porque eram solteiras nem logo como regentes, porque eram muito novas para isso. Em todo o caso o que é certo é que não estavam na casa paterna, e que o dr. Almeida Soares, que tomára ordens de puro desgosto pela viuvez em que se via depois de trinta e cinco an-

nos de casamento, se não fosse Nicolau, ficaria só em casa.

Entrando nas ordens, José de Almeida Soares tinha de renunciar a tença do habito de Christo que recebera de seu filho Antonio Placido, da mesma forma que este tambem tivera que renunciar para vestir o habito de religioso da Madre de Deus. Por isso renunciou a seu filho Nicolau Tolentino, em coisa, que o sr. visconde de Sanches de Baena, que de vez em quando tem um accesso de mau humor contra o poeta, leva muito a mal, considerando essa renuncia como um presente feito pelo pai ao filho, e que este pouco reconhecia, porque se pintava como tendo salvo um pai da miseria quando foi o pai que lhe valeu a elle.

Em 1769, contudo, encontramos Nicolau Tolentino matriculando-se de novo em Coimbra, tendo de certo obtido licença para isso, porque não perdeu o seu logar de professor de rhetorica. Percebendo quanto lhe seria vantajosa a carta de licenciado ou de bacharel, Nicolau Tolentino entendeu que devia ir concluir o curso, e nenhuma difficuldade encontraria n'isso, porque era intelligente, como sabemos, e porque tinha vinte e nove annos, e não ia decerto cabular para a Universidade.

Como vemos, apesar das importantissimas investigações do sr. visconde de Sanches de Baena, ainda pesa uma grande obscuridade sobre a vida de Nicolau Tolentino; não vemos que elle, nos seus requerimentos, allegasse a carta, documento muitas vezes essencial; mas parece realmente impossivel que elle deixasse o seu logar para ir á universidade, e viesse sem se ter formado, o que seria, demais a mais, uma vergonha para um professor de rhetorica.

PINHEIRO CHAGAS.

## A VESPERA DE S. BARTHOLOMEU

O dia de S. Bartholomeu, tão tristemente celebre na historia de França, pela sanguinolenta tragedia de 1572, é alegremente notavel entre, os camponezes dos arrebaldes do Porto por ser aquelle em que vão tomar o banho milagroso nas aguas do Oceano.

Lavradores encardidos e gordurosos, que apenas se lavam durante o anno superficialmente com os choviscos que os surpreendem em pleno campo, porque, se já esperam invernia, munem-se da sua *palhoça*, uma forte capa de palha, impenetravel á chuva—immergem n'este dia n'uma barrela devota, que o mar lhes prepara milagrosamente por intervenção de S. Bartholomeu, e da qual saem menos sujos, e, segundo creem, mais robustos.

Na vespera, depois do meio dia, principiam chegando á Foz ou a Mattosinhos os ranchos alegres dos romeiros banhistas, em trajos de festa; as mulheres, com os seus chapéus floridos, os seus lenços de grandes ramagens coloridas, os seus cordões e arrecadas de ouro; os homens, de varapau na mão, em mangas de camisa, jaqueta ao hombro, marchando todos ao som da viola em que o tocador vae tangendo todo o vasto repertorio aldeão: a caninha verde, a chula, o lundum, etc.

Estes folgasões contingentes vão acampando á medida que chegam á praia, uns na melhor sombra que encontram, outros na melhor tasca que conhecem. Mas seja qual fôr o sitio escolhido, o *bivac* não é para elles, de modo algum, um logar de repouso. Bem pelo contrario, ahí passam o resto do dia e toda a noite foliando sem interrupção, comendo, bebendo, cantando e bailando.

Dá gosto vê-los comer melancia, em grossas talhadas, de que expellem as pevides com os beiços; e beber vinho verde,—por canecas vidradas,—copiosamente. As costas da mão servem de guardanapo para limpar a bôca, e as canecas passam d'este para aquelle, sem repugnancia de nenhum, até ficarem vasiadas.

Bem bebidos e bem comidos, é principalmente á noite que os ranchos dos romeiros principiam a mostrar-se mais animados.

Em 1885, por cair ao domingo a vespera de S. Bartholomeu, foi muita a gente das aldeias circumvisinhas que concorreu á Foz, a Mattosinhos e a Leça.

Em Mattosinhos, onde passei parte do verão, houve á noite numerosos descantes á viola, na praia e na alameda. Por maior que seja o auditorio dos *casacas*, como os lavradores chamam aos homens da cidade, por maior que seja a concorrência de senhoras, os cantadores de um e outro sexo não se perturbam nem acobardam. A's vezes, mesmo, chegam a surpreender um ar de troça ou um sorriso de mofa na physionomia dos ouvintes, sem que por isso dêem signaes de descontentamento ou despeito. Continuam foliando sem zangar-se, apparentando uma superioridade esmagadora, fortalecida talvez pela convicção de que as folias da cidade não são menos ridiculas do que as suas.

Ha só um caso grave, que pôde dar-se, que muitas vezes se tem dado, armando sempre conflicto. E' o de um *casaca* petulante ir intrometer-se nos dialogos amorosos dos camponezes ou ouzar beliscar na polpa do braço uma rapariga cujo namorado esteja presente. Então os varapaus ensarilham-se no ar, os lavradores saltam de todos os lados, como os carneiros de Panurgio, a exemplo do seu companheiro, desancando o offensor. Arranja-se uma belburdia de seis centos diabos, em que ferve a bordoadá por

desaggravar a moçoila offendida. Na idade media não houve por certo cavalleiros mais bravos e briosos em defender o pudor feminino ultrajado por um beliscão. O episodio dos doze de Inglaterra, referido por Camões, fica a perder de vista comparado com a heroicidade gentil dos camponezes que desancam brutalmente um *casaca* beliscador ou beijoqueiro.

Mas, salvos estes casos, aliás muito graves, especialmente para o que fica desancado, as folias dos camponezes não costumam ser perturbadas na sua simplicidade alegre e primitiva.

A' meia noite de domingo, 23 de agosto de 1885, havia na alameda de Mattosinhos um grupo muito numeroso de gente do campo. Ficára ali, durante toda a noite, um carro de melancias, que pela manhã estava vasio. O vinho vendia-se perto, em mais de uma loja. A noite estava agradável, serena. Havia luar. O rio Leça parecia uma estreita lamina de zinco immovel e luzidia.

Um cantador de fama pegára na viola, a pedido dos circumstantes, homens e mulheres. Pelos modos o interesse em ouvir-o era geral e sincero. Mas o cantador, que tinha realmente uma bella cara de actor comico, havia carregado os machinhos com uma boa deciltração de verdasco, e não parecia resolvido a tomar a serio o seu papel de Orpheu do arraial.

Elle afinava a viola, elle experimentava as cordas, elle atirava o chapéu para a nuca, elle punha o cigarro atraz da orelha, elle bamboleava a perna direita sobreposta á perna esquerda, mas nem pelo diabo se desenganava a cantar como lhe pediam.

Novas instancias, novas e calorosas reclamações.

—Que cantasse; que se não estivesse a fazer tolo, que já era tempo de acabar com aquillo; que não se quizesse fazer rogado.

Elle mexia-se no banco, tirava o cigarro da orelha, accendia-o e mettia-o na bocca; elle punha a perna esquerda sobre a direita; elle tornava a experimentar as cordas, a ver se a viola estava afinada... mas, a respeito de cantar, nem uma nem duas!

Protestos do auditorio, apostrophes violentas das lavradeiras, interjeições rudes dos lavradores

—Que sim, que ia cantar, disséra finalmente o cantador. Mas que queria mais vinho...

Veiu uma caneca espumante de vinho verde. Elle pôl-a á bocca, parou por tres vezes arrancando tres *ah! ah! gutturaes*, esvasiou-a, restituiu-a voltando-lhe o fundo para o ar, o que provocou hilaridade no auditorio.

—Que finalmente ia cantar, disséra. Que já devia ter a voz mais afinada.

Fez-se um respeitoso silencio, só quebrado ao largo pelo ruido surdo do mar.

Soaram as primeiras notas da viola, e o auditorio apinhou-se compacto em torno do cantador, apertando ainda mais o circulo em que curiosamente o cingia.

Então, depois de um ligeiro preludio, a voz do cantador desprende-se vibrante e requetada:

Na noite em que me casei.

E repetiu:

Na noite em que me casei.

E tornou a dizer:

Na noite em que me casei.

E ainda uma outra vez:

Na noite em que me casei.

Durante seguramente quatro minutos, este unico verso vibrou no silencio da noite repetindo-se na mesma modulação harmoniosa.

O auditorio, que até ahí se havia conservado attento, rompeu em frouxos de riso, e em exclamações amigaveis:

—Que cantasse o resto da cantiga.

—Que andasse para diante...

Que não estivesse a brincar com a tropa.

E elle, impassivel, no mesmo tom, com as mesmas inflexões, na mesma teima:

Na noite em que me casei

Então, uns riam ainda, mas outros, zangados já, praguejavam, ralhavam:

—Que fosse para o diabo!

—Que não estivesse a injurial-os!

—Que, se estava bebido, se fosse deitar!

E elle, parecendo não ouvir, não ver, não dar por isso:

Na noite em que me casei.

E as moçoilas:

—O diabo do homem!

—Pegou-se, como um burro manhoso!

—Só a chicote, o diabo!

E elle, insensivel, petrificado, automatico:

Na noite em que me casei.



DR. JOSÉ PEREIRA REIS

Novas zangas, quasi furia, dos camponezes:

—Que largasse a viola!

—Que fosse *cozel-a*...

—Que fosse para casa do diabol!

E elle, como um realejo que repete sempre a mesma coisa:

Na noite em que me casei,

Então, um mais impaciente ou mais affouto, deitou-lhe a mão à viola para arrancal-a. E elle, que estava no fim do verso,

..... em que me casei,

levanta a cabeça e diz n'um tom de aspera censura, depois de ter circumvagado o olhar pelas raparigas mais novas do rancho:

—Com esta gatinha aqui, como querem vocês que eu diga o mais que se passou...

Na noite em que me casei?

Uma gargalhada compacta, pesada como um monolitho, esbarrundou-se de repente no meio do auditorio, cahindo de todas as bocas—ao mesmo tempo. E como se os estilhaços d'essa gargalhada enorme fossem de granito e tivessem contundido o auditorio, cada ouvinte lavava as mãos ao peito, e recuava instinctivamente, rindo oflegante, n'um grande abafamento de hilaridade.

E elle, o cantador, continuava repisando serenamente o estribillo:

Na noite em que me casei,

Eu, testemunha casual d'esta scena realmente comica, fui para casa, subi vagarosamente a rua Direita de Mattosinhos, e sempre a voz do cantador parecia acompanhar-me, como um eco quebrando o silencio que o luar tornava saudoso:

Na noite em que me casei.

Não sei ao certo até que horas o cantador da viola repetiria insistentemente o seu verso,—com a monotonia de uma pendula que, pela calada da noite, faz ouvir o inalteravel *tic-tac* desesperador.

ALBERTO PIMENTEL

## ÉTRENNES

Jacques de Randal jantara em casa, completamente só, dissera ao seu creado que podia sair, e assentara-se defronte da sua meza para escrever cartas.

Era assim que elle passava todos os ultimos dias do anno, sósinho, escrevendo e scismando. Fazia comsigo mesmo uma especie de revista das cousas occorridas, das cousas terminadas, das cousas mortas; e á medida que surgiam diante dos seus olhos as phisionomias dos seus amigos, escrevia-lhes algumas linhas, o bom dia cordeal do 1.º de janeiro.

Assim, pois, assentou-se, abriu uma gaveta, tirou um retrato de mulher, contemplou-o alguns segundos e beijou-o. Depois, tendo-o collocado ao lado da sua folha de papel, começou: «Minha querida Irene, deve logo receber uma pequena lembrança que envio á mulher, fechei-me esta noite, para lhe dizer...

A penna quedou-se immovel; Jacques levantou-se e poz-se a passear.

Havia dois mezes que elle tinha uma amante, não uma amante como as outras, uma mulher de aventuras, pertencente ao mundo do theatro ou da rua, mas uma mulher que Jacques amára e conquistára. Jacques já não era um rapaz, bem que fosse ainda um homem moço; encarava a vida seriamente, como um espirito positivo e pratico.

Assim, começou a fazer o balanço da sua paixão, como costumava fazer todos os annos o balanço das amizades novas ou extinctas, dos factos e pessoas recém-chegadas á sua existencia.

O primeiro ardor da sua paixão acalmara-se, e Jacques perguntava a si proprio com o positivismo de um negociante, qual era o verdadeiro estado do seu coração, e o que seria no futuro. Achou ahi uma grande e profunda affeição, feita de ternura, de reconhecimento e das mil affinidades inseparaveis das ligações constantes e fortes.

Uma vibração da campainha arrancou-o á sua meditação. Hesitou. Abriria? Mas Jacques disse a si proprio que era forçoso abrir n'essa noite do novo anno, abrir ao ignoto que passa e bate, seja elle quem for.

Pegou pois em um castiçal, atravessou a ante-camara, deu volta á chave, puchou a porta para si e viu a sua amante, pallida como a morte, encostada á parede.

Jacques balbuciou:

—Que tem?

Ella respondeu:

—E-tas só?

—Sim.

—Sem creados?

—Sim.

—Não tencionavas sair?

—Não.

Em seguida, entrou, como mulher que conhecia a casa. Logo que chegou á sala, deixou-se cair no divan, e cobrindo a cara com as mãos, desatou a chorar doidamente. Jacques ajoelhou-se aos seus pés, esforçando-se por desviar-lhe os braços e ver-lhe os olhos, e repetindo:

—Irene, Irene, que tem? Supplico-lhe, diga-me o que tem?

Então ella murmurou, em meio dos soluços:

—Não posso viver assim.

Jacques, porém, não comprehendia.

—Viver assim?... Como?...

—Sim. Não posso viver assim... em minha casa... Tu não sabes... nunca te disse... E' horrivel... Não posso mais... soffro demasiado... Ha pouco, elle bateu-me...

—Quem... teu marido?

—Sim... meu marido.

—Ahl...

Jacques admirava-se, nunca suspeitara que esse marido pudesse ser brutal. Era um homem do mundo, um homem da melhor sociedade, conhecido, citado, apreciado em toda a parte, com maneiras muito attentiosas, espirito muito mediocre, ausencia de instrucção e de superior intelligencia, indispensavel para proceder como todas as pessoas bem educadas, e o respeito de todos os preconceitos, tão necessario ás pessoas bem relacionadas.

Randal, affeiçoando-se a Irene, tinha direito ao aperto de mão amigavel que todo o marido que se preza deve aos familiares de sua mulher. Quando Jacques, depois de ter sido algum tempo o amigo, se metamorphoseou no amante, as suas relações tornaram-se por via de regra mais cordeaes.

Nunca presenciara ou adivinhara tempestades n'essa casa; essa inesperada revelação enchia-o de assombro.

Jacques perguntou:

—Como é que isso succedeu, conta-me?

Então Irene historiou toda a sua vida, desde o seu casamento. A primeira desintelligencia, nascida de um nada, accentuando-se mais tarde e interpondo um abysmo entre os seus dois caracteres, totalmente oppostos. Depois, succederam-se questões, uma completa separação, não apparente, mas effectiva; depois ainda, seu marido mostrara-se aggressivo, rancoroso, violento. Agora, tinha ciume de Jacques, e n'esse mesmo dia, depois de uma scena violenta, batera-lhe.

Irene accrescentou, com expressão energica:

—Não torno a pôr os pés em minha casa. Faze de mim o que quizeres.

Jacques assentara-se defronte d'ella, os seus joelhos tocavam-se. Pegou-lhe nas mãos:

—Minha querida amiga, vai praticar uma enorme, uma irreparavel tolice. Se quer deixar seu marido, deite as culpas á conta d'elle, por forma que a sua alta situação irreprehensivel fique perfeitamente ao abrigo de qualquer suspeita.

Irene perguntou, encarando-o, inquieta:

—N'esse caso, o que me aconselhas?

—Regressar a sua casa, e supportar ahi a existencia, ate ao dia em que possa obter ou a separação, ou o divorcio, com todas as honras da guerra.

—Não será um pouco cobarde, o que me está aconselhando?

—Não; é prudente e rasoavel. Possui um grande nome que tem de salvaguardar, amigos e parentes, que lhe cumpre conservar e poupar. Não o esqueças!

Irene levantou-se, e com violencia, acudiu:

—Pois bem, não, não posso, acabou-se, acabou-se, acabou-se!

Em seguida, collocando as suas duas mãos nos hombros do amante e fitando-o até ao fundo dos olhos:

—Amas-me?



PENSATIVA!

—Sim.

—Verdadeiramente?

—Sim.

—N'esse caso, guarda-me.

Jacques exclamou:

—Guardar-te? Em minha casa? Aqui? Mas tu enlouqueceste! seria perder-te para sempre: perder-te sem remissão! Enlouqueceste!

Irene replicou lentamente, gravemente, como quem sente todo o peso das suas palavras.

—Escuta, Jacques. Elle prohibiu-me que tornasse a ver-te e eu não representarei a comedia de vir a tua casa ás escondidas. E' preciso, perder-me ou tomar-me.

—Minha querida Irene, em tal caso, obtenha o divorcio e desposál-a-hei.

—Sim, d'aqui a...dois annos, ou mais. O seu amor é extremamente paciente.

—Veamos, reflecta. Se ficar em minha casa, elle virá buscá-la, porque é seu marido e tem o direito legal de o fazer.

—Não lhe peço que me tenha em sua casa, Jacques, mas sim que me leve consigo para onde lhe aprouver. Julgava que me amava sufficientemente para, assim proceder. Enganei-me. Adeus.

Irene voltou-se e dirigiu-se para a porta, com tanta rapidez que Jacques só pôde detel-a á saída da sala.

—Oíça, Irene...

—Ella, porém, resistia, não queria ouvir; chorava, balbuciava:

«Deixe-me... Deixe-me... Deixe-me...»

Jacques obrigou-a a assentar-se, tornou a ajoelhar aos seus pés, diligenciou, accumulando razões e conselhos, fazer-lhe comprehender a loucura, o enorme perigo do seu projecto. Não esqueceu nada do que seria preciso para a convencer, procurando na sua ternura todos os motivos de persuasão.

Irene, porém, conservava-se muda e glacial. Logo que Jacques acabou de fallar, ella respondeu apenas:—Agora está disposto a deixar-me sair? Largue-me, para que eu possa levantar-me.

—Veamos, Irene. A sua resolução... é irrevogavel?

—Queira largar-me!

—Diga-me só se a sua louca resolução, que lastimará amargamente, é irrevogavel?

—Sim... Deixe-me.

—N'esse caso, fica. Bem sabes que estás em tua casa. Partiremos amanhã, de madrugada.

—Irene levantou-se e volveu asperamente:

—Não. E' já tarde. Não quero sacrificios, não quero abnegações.

—Fica. Fiz o que devia fazer. Não sou responsavel para contigo. A minha consciencia está tranquilla. Exprime os teus desejos e obedecerei.

Irene tornou a assentar-se, fitou-o demoradamente, depois perguntou com inflexão natural:

—Então explica-te! Dize-me que motivo influiu para que assim mudasses de resolução? E verei depois o que devo fazer.

—Nada pensei. Devia prevenir-te de que ias praticar uma loucura. Persistes, peço a minha parte n'essa loucura, exijo-a. Não se trata nem de sacrificio, nem de abnegação. No dia em que comprehendí que te amava, disse a mim mesmo o que todos os apaixonados devem dizer em identico caso. O homem que ama uma mulher, que se esforça por conquistá-la, que a obtém, contrae para si e para ella um compromisso sagrado. Trata-se, bem entendido, de uma mulher como tu, e não de uma mulher facil. O casamento, que tem um grande valor social, um grande valor legal, não encerra aos meus olhos senão um diminuto valor moral, dadas as condições em que em geral elle se realisa.

Assim, pois, sempre que uma mulher, ligada por esse laço juridico, mas que não ama seu marido, não pôde amal-o, cujo coração é livre, encontra um homem que lhe agrada e se lhe entrega; sempre que um homem se prende a uma mulher assim, é minha opinião que elles se ligam um ao outro, por esse mutuo e livre consentimento, muito mais do que pelo «sim», murmurado aos pés do altar. Affirmo que se ambos são pundonorosos, a sua união deve ser mais intima, mais forte, mais santa do que se todos os sacramentos a houvessem consagrado.

Essa mulher arriscou tudo. E é justamente porque ella o sabe, porque dá tudo, o seu coração, o seu corpo, a sua alma, a sua honra, a sua vida, porque previu todas as miserias, todos os perigos, todas as catastrophes, porque ousou um acto arrojado, um acto intrepido, porque está preparada, decidida a tudo arrostar, seu marido que pôde matá-la e o mundo que pode repellil-a, é por isso que ella é respeitavel na sua infidelidade conjugal, é por isso que o seu amante deverá ter previsto tudo, preferindo-a sempre a tudo, succeda o que succeder. Nada mais tenho a dizer. Fallei primeiro como homem de juizo, que devia prevenil-a; não impera agora em mim senão o homem que a ama. Ordene.

Radiante, ella fechou-lhe a bôca com um beijo, e disse-lhe, em segredo:

—Não era verdade, querido, nada existe, meu marido não suspeita cousa alguma. Mas eu quiz ver, quiz saber o que tu farias, quiz... *étrennes*, as do teu coração... e não as do collar que has

de enviar-me. Deste-m'as. Obrigada... obrigada... Meu Deus! Como estou contente!

GUY DE MAUPASSANT.

## SALA DE BAILE

(A. JOÃO CARLOS DE TAVARES.)

Sara, quando me lembra a tua carne ardente,  
—Lyra d'onde a Volupia, em noites de prazer,  
Das mil cordas arranca a musica fremente,  
Que nos endoida sobre um seio de mulher,—

Fersegue-me não sei que obsessão estranha.  
E vejo em mim, á luz da chamma dos teus beijos,  
Como n'essa ballada antiga d'Allemanha,  
Dançarem, gravemente, os meus febris desejos!...

Coimbra, 1886.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO JOSÉ DA LUZ FERNANDES

Este distincto funcionario publico, que a morte arrebatou ha pouco, era director da repartição tachygraphica na camara dos deputados e tinha tambem a seu cargo a regencia da cadeira da aula de tachygraphia.

Luz Fernandes nascera a 8 de setembro de 1816.

Entrára em 1834, como praticante de tachygraphia, para a camara dos deputados, vencendo apenas, por cada sessão legislativa, a gratificação de 50\$000 réis. Mas de tal modo affirmou desde logo a sua competencia, que, um anno depois, principiou a vencer o ordenado de 300\$000 réis.

Em 1837, foi nomeado primeiro tachygrapho.

Em 1848, por morte de Julio José da Silva, ascendeu ao logar de chefe da repartição tachygraphica.

Em 1854, foi encarregado de reger a aula de tachygraphia, e com tal distincção se desempenhou d'este cargo, que o governo entendeu dever agracial-o com o habito de S. Thiago.

Em 1869, o ministerio reformista eliminou a aula de tachygraphia, que foi mais tarde restabelecida, como era de justiça, sendo Luz Fernandes de novo encarregado de reger-a.

A tachygraphia portugueza perdeu, pois, um dos seus mais distinctos professores.

O sr. Luz Fernandes era um character serio e digno, e um homem altamente estimavel pela affabilidade e cortezia do seu trato.

DR. JOSÉ PEREIRA REIS

Falleceu ultimamente, no Porto, o illustre medico de quem hoje damos o retrato.

O dr. José Pereira Dias tinha nascido em Coimbra a 14 de março de 1808.

Filho de paes pobres, a sua mocidade foi como que o atravessar de um caminho cheio de espinhos, em que, de quando em quando, descansava, animado pelo fructo de uma não vulgar intelligencia.

Estudando na Universidade, ensinava phylosophia e mathematica para assim accudir ás necessidades que não podia satisfazer com os poucos meios de que dispunha.

Concluiu o curso em 1831, devendo á sua muita moderação e prudencia que o seu genio independente não fosse contrariado pelos movimentos politicos d'aquelle tempo.

Em 1833 foi mandado para Condeixa tratar dos cholericos, e



n'esse mesmo anno os seus serviços foram reclamados em Coimbra, passando a dirigir o hospital militar d'aquella cidade.

Em 4 de novembro de 1834 foi despachado lente substituto da escola medica cirurgica do Porto, e em 1837 lente cathedratico, sendo jubilado em 1864.

O illustre finado, a quem o Porto tanto deve, e cujo passamento a imprensa portuense noticiou em phrases sentidas, era dotado de raro saber e deixa muitas obras, citadas por Innocencio Francisco da Silva, no seu dictionario bibliographico.

Entre as virtudes que adornavam o honrado caracter do falecido havia uma, que elle forçava por occultar, mas que todos lhe reconheciam e admiravam:—a da caridade.

O seu funeral foi, pelo acompanhamento, a mais evidente prova de quanto deixamos dito.

#### PENSATIVA!

Não tem ainda quatorze annos e já as sombras da tristeza lhe enevôam o rosto.

Desviou-se das companheiras, que ao longe mourejam na faina campesina, escolheu um sitio escondido, e ali, n'aquella frescura sadia e balsamica, emquanto as cigarras cantam, e o sol morde com beijos outras faces, ella, que parece mimosa, rosada e loura, deixou-se ficar quieta, com os olhos embebidos n'umas scismas vagas e dolorosas.

Em que pode scismar esta pequena? Bateram-lhe? ralharam-lhe? Não a deixaram acompanhar os paes na sua ida á cidade proxima?

Como explicar tantas nuvens que se condensam e reflectem na limpidez d'aquelles formosos e rasgados olhos?

Afinal é muito possivel que a origem de tamanhos dissabores seja, porventura, o roubo de um ninho, que ella descobriu por entre a grenha crespá e verde das balseiras.

Naturalmente, a pobre pequena confiou de algum seu companheiro infantil o segredo, guardado até ali com profunda religiosidade, e o maganão do rapaz roubou-lhe o thesouro...

Pobre pequena! Tambem, para que foste tu tagarella? Quem te mandou a ti confiar de alguém a descoberta que te havia de causar mais intensas alegrias é mais profundo orgulho do que a appareção repentina de uma terra desconhecida aos olhos dos que andam por largo tempo perdidos por mares ignorados e mysteriosos?

#### UMA FAMILIA DE MOUROS DO SENEGAL

Pae, mãe, filhos e servos: uma familia completa.

Como se vê da nossa estampa, os mouros senegaleses não primam por formosos nem por bem trajados.

Fallando d'elles, escreve um historiador francez:

O trajo do mouro senegalez compõe-se de uma tunica comprida ou *koussab*, que lhe cahe até aos calcanhares, debaixo da qual usa uns calções largos, apertados no joelho; nunca lava o fato, nem elle mesmo em si emprega tal processo; por isso, tambem, exhala de si um fetido repugnante; na guerra, ou em marchas, levanta o *koussab*, e caminha de pernas nuas e descalço.

As mulheres teem uma grande delicadeza de fórmas; as mãos e os pés são de extraordinaria perfeição. Infelizmente, estas bellezas naturaes desaparecem depressa, debaixo das camadas de uma gordura excessiva, o que, para os Orientaes, constitue o typo de formusura.»

#### A ROCHA D'AR-MEN

A rocha d'Ar-Men faz parte da longa linha de recifes da ilha de Sein, nas costas de França, e foi escolhida para ali se construir um pharol. Mede 7 metros de largo por 15 de comprido, ao nivel das mais baixas marés, e é de tal modo batida pela ressaca que, mesmo em occasião de bom tempo, só com difficuldade se pode lá chegar. Para ali se assentar alvenaria foi preciso soldarse em cada pedra uma serie de barras de ferro com a altura de um metro. Os trabalhadores esperavam pelos raros instantes em que o mar lhes permittia o trabalhar nas rochas. Quando as vagas os arrebatavam, sustentavam-se á flor d'agua com boias de salvacão, até um barco os ir recolher.

A plataforma e o pharol propriamente dito, que tem oito andares, começaram a construir-se em 1867. Foram taes as difficul-

dades na construcção, que esta só ficou concluida em 1877, dez annos depois.

O pharol de Ar-Men é um trabalho gigantesco, que honra sobremaneira os engenheiros francezes.

## O SERMÃO DO SENHOR ABBADE

No dizer dos entendidos devotos do milagreiro S. Sebastião da parochial egreja de Bitarães, a missa da festa e o sermão, tinham corrido de um modo excepcional, com um espavento como ha annos ali se não vira. O arraial que, desde manhã, principiara a engrossar pouco a pouco, apresentava-se, no meiado da tarde, com todo o seu desenvolvimento, e os basbaques contemplavam estaticos, os preparativos do sabimento da procissão, que era afamada n'aquellas povoações em redondo.

Os collossaes andores, flammejantes de vidraria de variegadas cores, de globos espelhados, de escudetes, e encimadospor microscopicas imagens de esculptura detestavel, os anjos em saia branca, com enfeites impossiveis e carregados de cordões de ouro e refulgentes anneis de chrysolitas, os tocadores de bombo e os irmãos das diversas confrarias primorosamente penteados, eram o enlevo d'aquella boa gente, que palmilhara legoas e legoas, para presenciar esse tão catholico espectáculo.

Mas o que, sobre tudo, anciosamente esperava o poviléo quentão enchia o planalto onde se erguia altaneira a garrida egreja de Bitarães, era o sermão do bom abba de Figueiras, que, obsequiosamente, se prestara a vir celebrar as altas virtudes e o cruel martyrio do guerreiro S. Sebastião.

O padre era um alegre velho, parochio de uma egreja visinha, caridoso como poucos, mas de um animo rude e franco, que mais se patenteava nos seus sermões, verdadeiro receptaculo de anedoctas, ás vezes um pouco frescas e temperadas com o alegre sal de Boccacio, mas que a rude gente dos campos gostosamente apreciava, com sorrisos e exclamações de malicia alvar.

O prégador, para que toda a multidão, impossivel de accommodar no pequeno recinto da egreja, o podesse ouvir, á semelhança dos antigos patriarchas biblicos, sob a densa ramagem d'uma carvalheira secular, mandou erguer um grosseiro pulpito, a que serviam de base algumas pipas solidamente enleadas entre si.

Apenas concluida, a pequena tribuna foi invadida pelo rapazio, que a transformou em tablado theatral, com as suas palhaçadas infantis, que provocavam o riso em todos os que já se agrupavam em tórno.

Alguns, dos mais maliciosos, entretinham-se em arrancar os alfinetes que sustentavam as decorações do improvisado pulpito, collocando-os de ponta para o ar no rebordo superior, cuidadosamente escondidos nas amplas dobras do panno vermelho que envolvia toda aquella passageira construcção.

No melhor da festa, porém, apparece o abba de, que, com alguns dos serventuarios, afagentou aquelles turbulentos traquinas, que sentindo eminente toque a rebate na freguezia lombal, promptamente se pozeram fóra de alcance, assobiando estrepitosamente e fazendo uma gritaria ensurdecadora. Entretanto, o arraial chegára ao apogeu do brilhantismo, que se traduzia em fortes declarações amorosas, extraordinarios gastos de regueifa, doces e vinho, e em alguma pequena rusga passageira. Compacto circulo humano apertava dois jovens contendores que, de viola sobraçada, cantavam ao desafio. De espaço a espaço, palmas repetidas coroavam alguma quadra mais expressiva, até que qualquer das moçoilas presentes, ferida por bote de revez, retorquia em verso, travando-se então mais animada e scintillante pejeja.

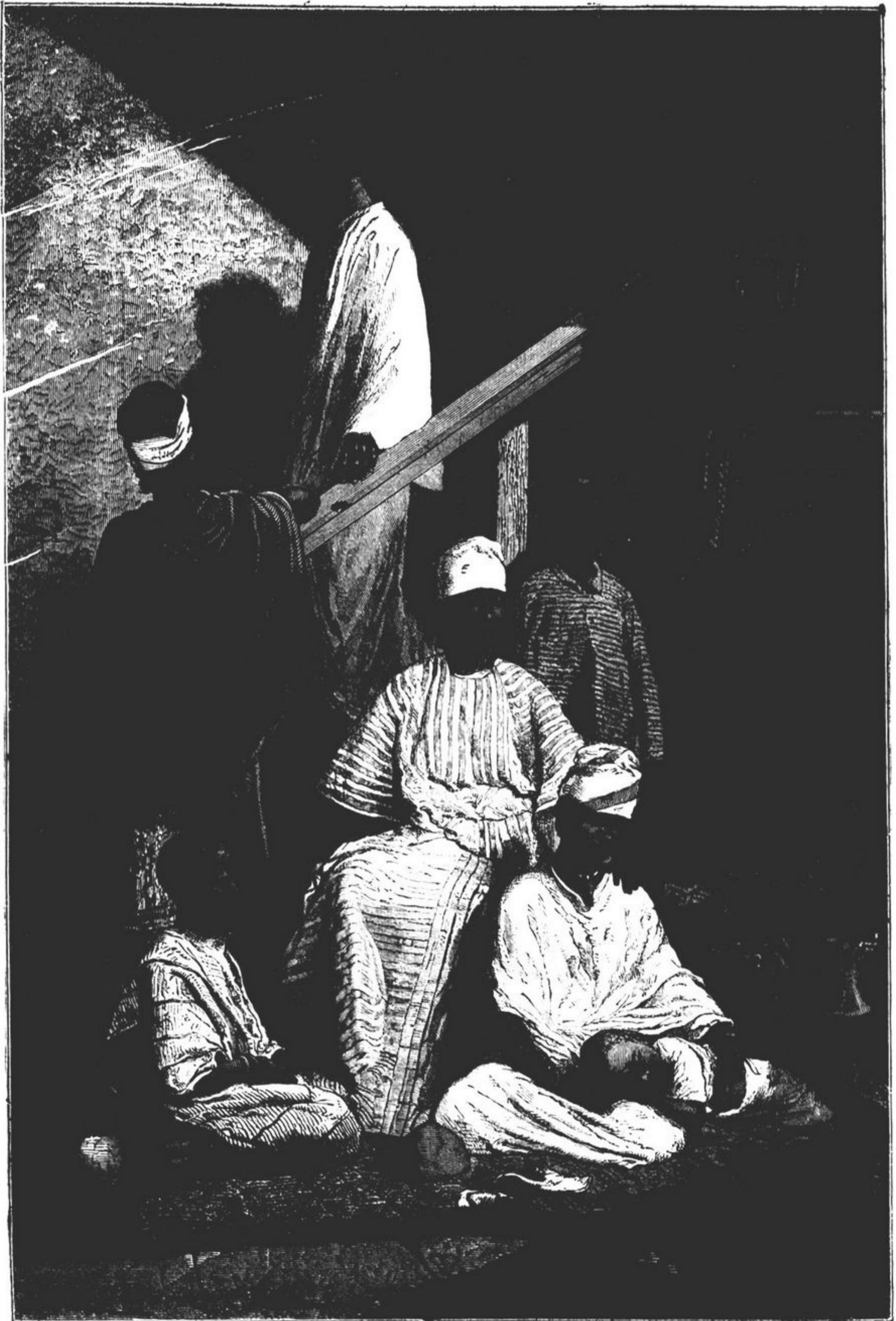
Junto dos carros de melancias, azedavam-se as discussões a proposito do valor e qualidade da mercadoria, discussões que nem sempre acabavam d'um modo amigavel.

Aqui, uma doceira corria atraz de ladino rapaz, que, com mão destra, lhe alliviara a canastra de alguns bolos, e a rapida passagem dos dois produzia reboliço entre o povo e favorecia a fuga do ousado larapio.

Além, um corpulento montanhez de nariz espesso e faces rubras, empunhando uma malga de barro, cheia de vinho, proclamava a excellencia do verde de Amaranthe, a que já em côro entoavam louvores uns devotos, que buscavam apoio junto da pipa, o santo, para elles, da sua maior devoção.

A' porta principal da egreja, os mesarios esforçavam-se em ordenar o prestito, para cuja passagem o povo se desviava já em respeitosas alas.

Principiou, finalmente, a deslizar a procissão, até o andor do orago chegar em freute do pulpito improvisado, onde parou, debandando o acompanhamento á espera do fim do sermão, que ia, emfim, principiar.



UMA FAMÍLIA DE MOUROS DO SENEGAL

O sussurro feito pelo povo augmentou, apenas appareceu no pulpito a figura austera e boa do velho prégador.

Todos queriam um bom lugar, havendo protestos, gritos, a que poz termo a trovejante voz do abbade, que, n'uma prévia descompostura, os fez socegar e dispor pára a succulenta homilia, que lhes destinava.

Ia o velho no principio do exordio, quando dois rapazes, empoleirados n'um dos carvalhos proximos, se engalfinharam n'uma pouca amavel discussão, de que resultou cahirem enleitados sobre o povo, que alli se agglomerava, produzindo uma confusão facil de imaginar.

—Vede os productos da educação que daes aos filhos, trovejou, irado, o prégador; em lugar de estarem a ouvir, com respeito, a palavra de Deus, brigam como malandros. Estão como um fidalgo da cidade, que tinha um filho, muito lindinho, muito espartinho, cujas habilidades mostrava a todos quantos o iam vizitar. Um dia, estando lá um seu amigo, elle chamou a maravilha para vir dançar um bailarico deante do hospede, mas o rapaz respondeu-lhe grosseiramente; como o pae instasse, sabem o que elle fez? Mandou-o á... á fava!!! E' por isto, é por não haver educação, que hoje ninguem tem moral, que todos berram contra os ministros de Deus, dizendo que não ha santos nem inferno, e muitas outras heresias mais. Coitados! Julgam que hão-de ir para o ceu, mas estão enganados! Lá não ha palha, nem logar para bestas...

E continuou n'este theor, ralhando ora com um, que lhe parecia estar a dormir, ora com outros, que cochichavam além, até que cahiu por fim no assumpto, desdobrando, ante o attento auditorio, a ininterrompida serie de feitos de S. Sebastião, e descrevendo-lhe a terrivel morte, segundo a lenda christã.

Na maior força do panegyrico, clamava:

—Muitos santos egualam em virtude ao bom martyr Sebastião, mas poucos o excedem na fé christã e resignação com que soffreu as injurias dos seus inimigos. Ao lado d'elle que são os outros? S. João, S. Francisco, Santo Antonio, S. Bento, S. Roque...

E na força da gesticulação e do enthusiasmo bateu forte palmada no rebordo do pulpito; tendo, porém, a infelicidade de se espetar fortemente n'um dos alfinetes alli aleivosamente collocados, e reconhecendo, no desastre soffrido, a mão travessa da rapaziada, que pouco antes sacudira do pulpito, concluiu com voz de estentor:

—Ih!! Que grandes patifes!!

Porto.

EDUARDO S. QUEIRA.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Na musica esta ave é ave—1—2.  
No firmamento é comparativo este homem—1—1.  
Esta medida na cozinha é um verbo—1—1.  
E' immenso este peixe por ser vegetal—1—3.  
Na musica este verbo é arvore—1—1.

J. DE BENTO JUNIOR.

(Ao sr. J. de Sousa Bento Junior)

O que anda não vê e te fructo—1—2.  
Governa n'este sentimento uma authoridade—2—1.  
Mata, mata e trabalha—2—1.  
Acha no vazio esta pedra—2—3.

I. L. PERPETUA.

### CHARADA PROPORCIONAL

(Retribuição, a Antonio Rodrigues Brancal)

Um instrumento: um instrumento:: uma ave: uma ave—1—1—2.

J. R. CASTIÇO,

### CHARADA EM VERSO

Nos meus tempos d'estudante,  
Tive um professor austero,  
—Um pedaço de tratante—  
Que me pespegou co'um zero,  
E com todo o sangue frio,  
Por desconhecer um rio.—2

Fiz uma grande questão,  
Suppliquei, pedi ao Matta  
Que me tirasse tal nota,  
Porque sabia a lição.  
Mas nem mesmo por favor,  
Quiz ceder o professor.—2

Pois achei tão revoltante  
Esta enorme tratantice,  
Que, sendo um bom estudante,  
D'ahi p'ra o futuro, disse,  
E, (dizel-o é vergonhoso)  
Fiz-me um grande preguiçoso.

Leiria.

M. MONTEIRO JUNIOR.

### CHARADA CONIMBRICENSE

(A Manuel Frederico Pedroso Carvão Guimarães Cid)

Vós podereis encontrar  
Na historia sagrada  
A primeira horisontal  
(Aqui começa a charada.)

Não penseis que isto é mentira,  
Podeis mudar-lhe o signal;  
Porque em vez de ser na prima  
É na segunda hor'sontal.

Inda não é na segunda  
Que vós deveis procurar;  
Mas na prima vertical,  
Que uma herva haveis d'achar,

E, sem muito percorrer,  
A segunda vertical  
Mui facilmente achareis,  
Com certeza um animal.

A primeira diagonal  
Costuma usal-a a mulher  
Nos pés, nas mãos, ou cabeça,  
Ou onde o leitor quizer.

Na segunda diagonal  
Eu já fiz a minha jura:  
—De mui respeitosa mente  
Vos fazer uma mezura.

ANTONIO R. BRANCAL.

### Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Capata—Sigralba—Micha—Pomona—Sapia—Peseta—Cabrito—Violino.  
DA CHARADA EM VERSO:—Rapariga.  
DA CARTA ENIGMATICA:—Sarmento.  
DOS ENIGMAS:—Sobremeza—«Desgraçadamente», a corôa da gloria litteraria é cravada, por dentro, dos espinhos da inveja, que por baixo das folhas de loiro estão continuamente ensan-

guentando a frente dos infelizes que a cingem—Visconde de Be-  
nalcanfor.»

## A RIR

—Sabes? O Meirelles apanhou a sorte grande de Hespanha!  
—Não me admira; elle é tão feliz, que se se atirasse de um  
3.º andar, era capaz de cabir em cima da sogra!

\*

Entre ama e creada:

—Eu não lhe disse, Rosa, que marcasse em todas as minhas  
camisas as minhas iniciaes?

—Isso fiz, minha senhora; puz as suas iniciaes na primeira,  
e um *idem* em todas as outras.

## UM CONSELHO POR SEMANA

PARA LIMPAR VESTIDOS DE SEDA

Sabão negro, 200 grammas; mel, 125 grammas; aguardente  
a 49º, meio litro. Funde-se o mel e o sabão na aguardente, a lu-  
me brando. Esta quantidade é a bastante para lavar um vestido,  
que se passa em seguida por tres ou quatro aguas, sem o torcer  
nem bater.

## AS ALMAS DO OUTRO MUNDO

Houve em tempo, para os lados do Caracol da Graça, um ve-  
lho casarão, que tinha uma horrivel fama. Apareciam ali *almas*  
*penadas*, dizia o vulgo. Constava que se ouvia, a deshoras, coisas  
medonhas, de arripiar as carnes e pôr os cabellos em pé. Inqui-  
lino que para ali fosse, era certo não dormir senão uma noite.  
No dia seguinte mudava-se.

Mas que noite, santo Deus! Eram moveis arremessados ao  
chão, por mãos invisiveis. Os relógios de banca, paravam. As  
saías das mulheres mudavam de logar, por si mesmas. Os indi-  
viduos deitavam-se em ceroulas e camisola, e appareciam no dia  
seguinte nus. Um horror!

Ouvia-se distinctamente o sobrado estalar sob a pressão de  
passos precipitados, abrir e fechar portas. A lampada accessa an-  
te o registo do Sr. dos Passos, apagava-se.

Debalde o senhorio alugava o predio por dez réis de mel coa-  
do; ninguém queria ir lá morar.

—Devia ser demolido, dizia a vizinhança.

—Aquillo, houve ali morte *d'home*, ponderava a mulher do  
regedor.

Fallaram ao prior da freguezia para exorcismar a casa, mas  
elle negou-se.

N'isto veiu a Lisboa, pelo natal, um sobrinho do senhorio, es-  
tudante da universidade. Grande pandego e tocador de guitarra,  
padre mestre na troça dos futricas e no requesto das tricanas.

Ouvir a historia do predic e correr a installar-se n'elle, foi  
obra de um momento.

Divulgou-se a nova, e todo o mulherio, quando o viu passar  
com as malas para a sua nova vivenda, teve um estremecimen-  
to de admiração, como se visse apparecer definitivamente o *ho-  
mem das botas*.

Convidou o moço alguns rapazes para o acompanharem na

empresa de arrancar as cataractas aos olhos dos parvos, mas ne-  
nhum quiz acompanhal o.

Só em campo, não hesitou. Estava a sua honra de estroina  
compromettida. Sómente recommendou ao tio que lhe enchesse  
bem a dispensa.

O tio mandou dois gallegos ajoujados com um caixão enor-  
me cheio de garrafas de bello Madeira, doces, queijo, sardinhas  
de Nantes preparadas no Algarve, fructas, charutos, revolver, pu-  
nhal e uma carabina de caça. O sufficiente para dar cabo de um  
regimento de almas do outro mundo da força das que se suppu-  
nha existirem no caracol da Graça.

O estudante, afinal, entrou um dia de tarde e tomou posse de  
todo o predio abandonado. Installou se, escolheu quarto de cama  
no 1.º andar, com janella para a rua, e apenas entrou, enquanto  
o tio e uma creada arranjavam os aposentos, poz-se tranquilla-  
mente a fumar, com toda a desfaçatez, perante a multidão em-  
basbacada que estacionava defrente da porta.

Desfazia-se o barbeiro do sitio, amolador de fama, em com-  
mentarios para provar que o Roldão e o Oliveira, os dois pares  
de França mais mettediços em aventuras, segundo o livro de Car-  
los Magno, não seriam capazes de fazer outro tanto.

\* \*

A' noite foi o estudante ao theatro, e de regresso a casa, na-  
da sentiu de extraordinario.

Accendeu uma lampada, despiu-se, fechou cuidadosamente a  
chave as portas do quarto, deitou-se, e desatou a dormir como  
um justo.

Cerca das duas horas da noite, um tremendo abalo, que fez  
vibrar todo o predio, acordou o estudante estupefacto. Applicou  
o ouvido e sentiu um ruido estranho, que parecia vir debaixo do  
chão. Parecia que todos os serralheiros de Lisboa, se haviam da-  
do *rendez-vous* nas lojas do predio.

Subito, o terremoto cessou. Mas o estudante, devéras intriga-  
do, não fechou olho. Teria decorrido um quarto de hora, quando  
repentinamente sentiu como que abrir e fechar portas com vio-  
lencia. Dir-se-ia que um exercito de doidos tinha invadido o pre-  
dio; todavia, notou que as almas do outro mundo, não queriam na-  
da com elle, porque não se approximavam do seu quarto. Todo o  
barulho era ao longe.

Levantou-se, vestiu-se e armou-se de um revolver e um pu-  
nhal. Correu á janella, abriu-a e olhou para rua. Nem viva alma.  
Tomou uma deliberação. Abriu a porta do quarto, levando na mão  
esquerda uma lanterna e na direita o revolver engatilhado, e lan-  
çou-se á descoberta.

Atravessou todas as casas e viu, com grande pasmo, que na-  
da havia fóra do seu logar. Não obstante, o ruido continuava, fe-  
chavam-se portas com estrepito. Estudou então o ruido e con-  
venceu-se de que vinha do rez do chão. Mas as lojas estavam des-  
habitadas!

Que fazer! O estudante voltou ao seu quarto, fechou-se de  
novo e metteu-se na cama. O barulho tinha cessado de todo. Mas  
elle, só dia claro pôde dormir.

A's 11 horas saiu, a almoçar a casa do tio, a quem contou o  
occorrido.

—Não desistes do teu proposito? interrogou o tio.

—Agora, menos do que d'antes.

\* \*

Ao sair de casa do tio, o nosso estudante voltou a casa mu-  
nido de todas as chaves e revistou o predio desde o sotão até á  
rua. Não lhe achou nada de anormal. Fez porém uma descoberta:  
olhando á janella da cosinha do 1.º andar, que dava para uma tra-  
vessa muito ingreme, notou que o predio do lado da travessa fi-  
cava mais alto do que do lado da rua, de modo que o rez do chão  
para o lado de traz, fazia um primeiro andar. Por baixo existia  
uma loja, sem outra saída, a não ser uma porta para a travessa.

Correu immediatamente a casa do tio a pedir a chave e sou-  
be que na loja, completamente independente do predio, morava  
por esmola um mendigo cego. A loja não prestava para nada.

Pelo espirito do estudante atravessou uma suspeita. Quiz in-  
dagar na vizinhança os costumes do velho, mas na travessa, não  
havia mais moradores, pela rasão suprema dos predios não se  
prestarem a casa d'habitação d'aquelle lado. Na rua, em frente  
do predio, ninguém conhecia o cego, nem mesmo sabia da sua  
existencia.

Muniu-se de uma verruma e furou o sobrado da cosinha, sob  
o qual ficava a loja. Olhou e viu apenas uma miseravel esteira  
enrolada em um colchão, trapos, uma mesa, uma grande caixa de  
pinho e louça quebrada. Verificou que o cego não estava em ca-  
sa. Accendeu um charuto e esperou. Decorreram horas, que lhe  
pareceram seculos d'aborrecimento, mas estava de tal modo em-

penhado na descoberta d'aquelle mysterio, que se decidiu a esperar com toda a paciencia.

A's 4 horas da tarde sentiu abrir a porta da loja, e a voz fresca de um rapaz, respondendo a um velho. Estirou-se logo ao compido no sobrado e applicou um olho ao buraco aberto no tecto da loja. Pôde ver então o miseravel inquilino de seu tio. Era um velho sordido, alto, delgado, trigueiro, com o cabello grisalho. Muito robusto ainda.

O pequeno, que lhe servia de guia, era alugado e morava no outro extremo da cidade, em casa dos paes. Apenas entrou, desdobrou a esteira com o colchão e fez a cama ao cego. Depois foi buscar uma bilha d'agua e despediu-se. O cego comia nas tabernas e apenas dormia em casa.

Assim que o rapaz se despediu, o mendigo fechou com particular cuidado a porta, correu-lhe os ferrolhos e em seguida tirou das algibeiras todo o dinheiro que tinha angariado nas esmolas. Uma enorme quantidade de cobre, porque o cego era mendigo desde pequenino e tinha a arte consummada de pedir.

O estudante apanhou uma lição de philosophia pratica, comprehendendo que os mendigos não são as pessoas mais desgraçadas da sociedade. Aquelle cego, inutilizado para trabalhar em Portugal, onde não ha institutos de cegos, e cheio de vida porque não se tinha gasto nas officinas, como os operarios, sem contribuições a pagar, sem pensões de familia, ente privilegiado sobre a terra mercê da sua dupla qualidade de mendigo e cego, apurava diariamente 1\$500 a 2\$000 réis, porque era um homem ro-

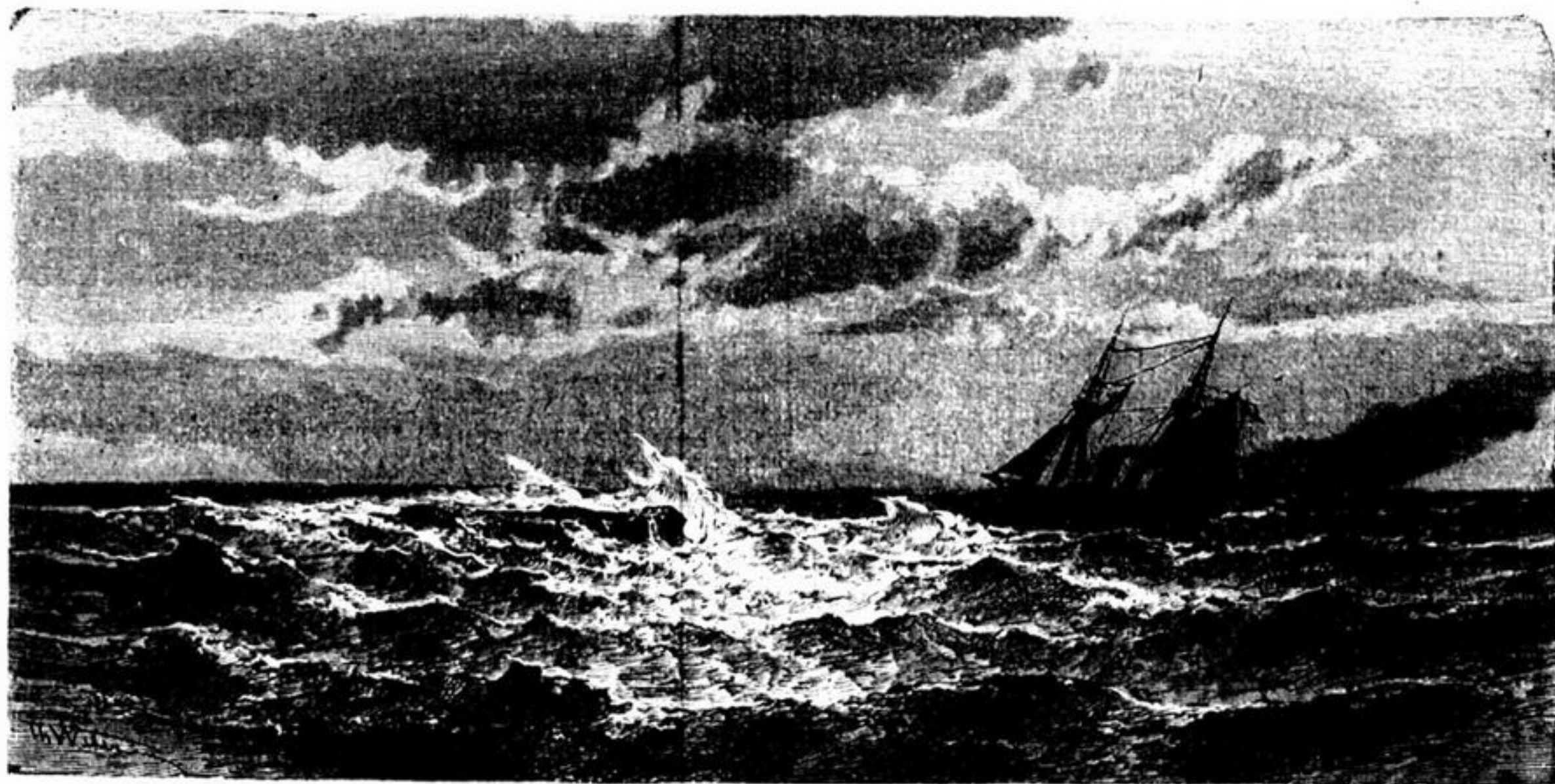
resolveu passar a noite na cosinha. A's 2 horas da noite, uma enorme pancada no sobrado fel-o acordar. Poz-se de pé e assistiu tranquillo á bulha da noite antecedente. Compreendera tudo. Era o cego que produzia todas as noites, quando acordava, aquelle barulho, para fazer acreditar na existencia d'almas do outro mundo e afugentar os moradores do predio, guardando assim, pelo terror, o seu thesouro.

O processo não era novo, mas era seguro.

De manhã cedo, o estudante alerta, sentiu bater á porta da loja orapazito do cego, prepararem-se os dois e sairem. No mesmo instante foi ao seu quarto buscar um lençol, e dobrando-o em diagonal e amarrando uma ponta da parte de dentro da janella, deixou-se escorregar.

Uma vez na rua, fez saltar a fechadura com um valente, e entrou, indo direito ao montão de trapos que não lhe custaram a affastar. No chão abria-se a guela escancarada de um enorme buraco, e enfiando o braço, retirou dois saccoes. Reconheceu-os logo: o de panno era o do cobre, e o do couro era o do ouro. Passava extraordinariamente.

O estudante tornou a pôr o sacco de cobre no seu logar e o montão de trapos por cima, relanceou o olhar pela loja, como que procurando alguma coisa, e na sua physionomia zombeteira desenhou-se-lhe um sorriso de triumpho ao depararem-se-lhe n'outro recanto da loja dois grossos pedaços de corrente de ferro, uma especie de maça de ferro, espetada solidamente n'um varapão, e varias balas d'artilheria ferrugentas. O velho sobrado e o



A ROCHA D'AR-MEN

busto que podia supportar a fadiga de um passeio atravez de todas as ruas.

Das vastas algibeiras sahiram, afinal, todas as moedas de cobre que elle foi empilhando sobre a mesa com agilidade surpreendente. Depois de proceder á contagem, foi buscar um sacco cheio de cobre e juntou-lhe aquelle.

O melhor estava porém para apparecer. O cego, em seguida, como que electrizado pelo contacto do dinheiro, foi a um canto, removeu um montão de trapo e deixou o chão a descoberto. Depois, com as mãos aduncas, tirou de dentro de um buraco profundo um sacco de couro, e trouxe-o para cima da mesa. Abriu-o com as maiores precauções e principiou a tirar, de vagar, uma extraordinaria quantidade de libras, contando-as dez a dez e empilhando-as com a destreza de um caixeiro de banco.

Quando tinha todo o dinheiro estendido, percorria-o com as pontas dos dedos como se fosse um teclado, e a sua figura angulosa parecia crescer como um reptil. Todo curvado sobre a mesa, com os braços abertos sobre o ouro, e visto do buraco do tecto, tinha o aspecto de um crocodilo. Tudo isto era feito no meio de um silencio sepulchral, só perturbado pelo tinir dos soberanos.

Depois de saciar a sua paixão, o cego fechou o seu thesouro no sacco e foi repol-o no seu esconderijo. Se pudesse ver o sorriso cynico do estudante, n'este momento, teria envelhecido 10 annos. Em seguida, como que extenuado pelo voluptuoso prazer que se tinha dado, caiu pesadamente sobre a cama, como uma massa inerte e deixou-se ficar.

Então o estudante, tomando o seu partido, foi rapidamente ao chão buscar uma *chaise-longue* e os cobertores da cama, e

tecto mostravam claramente o uso que o cego fazia d'esta ferramenta.

O estudante mettu o sacco no peito, por dentro da camisa, e deixando a porta encostada, marinhou pelo lençol e saltou novamente na cosinha, fechando a janella. Ahi abriu o sacco e contou 600 libras!

Sem o minimo remorso, mettu o dinheiro dentro da mala, e n'essa mesma noite, protestando uma carta urgente da familia de um amigo que estava a morrer, saiu de Lisboa para a provincia.

\*  
\* \* \*

A' tarde, quando o cego voltou para casa e encontrou a porta aberta, correu a verificar a existencia do seu thesouro, e sentindo-se roubado, foi tal o seu furor que o pequeno fugiu espavorido, indo contar o caso á mãe. Voltou no dia seguinte, acompanhado da familia, cheia de curiosidade, mas ao entrarem, recuaram mudos de pavor.

O cego tinha-se enforcado, prendendo a corda á bandeira da porta. No meio da casa, o sacco aberto, com o dinheiro em cobre, parecia arreganhar para o cadaver a sua larga bocca negra como um riso sardonico.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica